

**WORLD ENGLISH EM MANHATTAN CONNECTION:  
UMA ANÁLISE DOS ANGLICISMOS  
NA LINGUAGEM TELEVISIVA**

Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira (UEMS)

[garotagramatica@yahoo.com.br](mailto:garotagramatica@yahoo.com.br)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

O presente trabalho aborda o inglês como uma língua franca utilizada nos encontros multinacionais de negócios, em feiras internacionais de comércio, nos encontros políticos ou esportivos, nas recepções de hotéis e nos aeroportos mais movimentados do mundo e assim por diante. Essa língua utilizada por milhares de pessoas ao redor do mundo com os mais diferentes propósitos é intitulada por Kanavillil Rajagopalan (2003) como *World English*, um fenômeno linguístico que tem crescido exponencialmente e que se revela como produto econômico, político e cultural inclusive no Brasil. Hoje, o inglês é uma língua que atravessa fronteiras e aos poucos incorpora o seu léxico no português em um fenômeno comum em todas as línguas: o empréstimo linguístico. O objetivo deste artigo é analisar os fragmentos da língua inglesa empregados nas falas dos jornalistas do programa *Manhattan Connection*, transmitido pelo canal Globo News direto de Nova York.

**Palavras-chaves:** World English. Manhattan connection. Empréstimo linguístico.

**1. Introdução**

Designar o inglês atualmente, em um mundo globalizado, onde esse idioma revela-se como um produto cultural, político e econômico, utilizado por milhões de pessoas ao redor do mundo é algo controverso entre alguns pesquisadores.

Língua internacional, mundial, multinacional, franca, global, enfim, várias são as nomenclaturas utilizadas e neste trabalho deu-se preferência para o termo *World English* utilizado por Rajagopalan (2011) para nomear esse idioma usado nos mais diversos propósitos comunicativos entre as nações no mundo inteiro.

Importar termos ou fazer empréstimos linguísticos é um processo que ocorre com muita frequência entre as línguas. Com a expansão do inglês como língua franca ou *World English*, esta tem distribuído o seu vocabulário pelos vários continentes do mundo em um fenômeno linguístico pesquisado por vários linguistas.

Quando uma unidade estrangeira incorpora em uma língua, ela muitas vezes sofre transformações e também deixa marcas que acabam modelando o conjunto lexical da língua receptora. Algumas, já incorporadas ao léxico de um idioma como é o caso de *stress* que passou a ser escrito estresse no português, já formou até derivados como *estressar*, outros mudam seu sentido com o uso e outros até deixam de ser usados.

Antenado com esse processo de globalização e com a forte influência americana e conseqüentemente do inglês, o jornalista Lucas Mendes concretizou um projeto e produziu um programa de reportagens internacionais com conexões em diferentes países. *Manhattan Connection* é o nome desse programa que foi lançado em 1993 e hoje é transmitido pelo canal a cabo Globo News. Destinado a um público específico o programa usa e abusa de palavras e termos da língua inglesa de forma criativa e inovadora nos diálogos inteligentes e bem-humorados entre os jornalistas, apresentadores e convidados sobre os assuntos que foram destaque durante a semana no Brasil e no mundo.

As perspectivas do uso dos anglicismos empregados nas falas dos apresentadores do programa *Manhattan Connection* serão analisadas neste trabalho confirmando que os vocábulos incorporados ou não ao léxico do português contribuem para o enriquecimento do nosso idioma não alterando o sistema da língua portuguesa.

## **2. *World English* – o inglês como língua franca no mundo**

Durante o Império Romano, o latim, língua oficial, apresentava duas modalidades: uma clássica, utilizada pelas classes sociais mais elevadas principalmente na literatura, caracterizada pelo apuro do vocabulário e pela elegância do estilo. A outra modalidade do latim é o chamado popular ou vulgar, falado pelas classes inferiores da sociedade romana constituída de soldados, comerciantes, agricultores etc.

Durante as invasões romanas, que chegou a ocupar a Europa, o norte da África e a Ásia, a língua levada aos povos conquistados era o latim vulgar. Levado inicialmente pelos soldados e intensificado pela instalação de comerciantes e colonos nas terras conquistadas, o latim vulgar era assimilado de maneira lenta e gradual, constituído de lexemas do uso cotidiano. O latim vulgar era segundo Coutinho (1976, p. 30) “uma espécie de denominador comum, que se sobrepunha às gírias das várias profissões, como instrumento familiar de comunicação diária.” Sendo assim

o latim foi imposto e aceito pelos povos conquistados com certa facilidade pelo fato de ser o latim a língua do povo vencedor dotado de poder militar e econômico.

Na contemporaneidade, a língua que é considerada como global e utilizada por vários falantes no mundo inteiro é o inglês. Há uma analogia entre o latim e o inglês, porém até certo ponto. Segundo Rajagopalan (2011, p. 47) “Com certeza, o latim vulgar aponta para o modo como o inglês está expandindo no mundo hoje em dia numa velocidade jamais vista na história da humanidade”.

Dominado por quase dois terços da população do planeta nos mais variados níveis de proficiência, o inglês alcançou esse *status* graças ao poder e influência que os Estados Unidos exercem sobre o mundo na economia, na tecnologia, na política e na cultura. Após a Segunda Guerra mundial na primeira metade do século XIX, os Estados Unidos emergiram desse conflito como uma superpotência e a partir de 1945 a televisão e o cinema contribuíram levando a uma plateia internacional a cultura e o modo de vida americano. As chamativas e interessantes propagandas divulgaram a força econômica americana e favoreceu a expansão do inglês pelo mundo.

Atualmente a sociedade global experimenta uma nova ordem linguística onde o inglês proporciona poder linguístico para aquele que o domina possibilitando “transpor os portões linguísticos para os negócios internacionais, tecnologia, ciências e viagens globais”. (SIQUEIRA, 2011, p. 88)

Como produto cultural e econômico, o inglês utilizado nas mais diferentes situações de comunicação no mundo, recebe várias denominações tais como língua internacional, global, multinacional, etc. A nomenclatura língua franca é a mais utilizada e conceituada por Seidlhofer (*apud* CALVO & EL KADRI, 2011, p. 7) como

Um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, ou uma língua pela qual os membros de diferentes comunidades de fala podem se comunicar entre si, mas que não é a língua materna de nenhum deles – uma língua que não tem falantes nativos.

Sendo a língua franca um idioma utilizado por falantes que não compartilham a mesma língua materna e que funciona como uma segunda língua por todos que a utilizam, ela apresenta em sua composição plurilinguística uma característica de natureza híbrida ou como diz Rajago-

palan (*apud* SIQUEIRA, 2011, p. 90) “é uma mestiçagem linguística que marca os nossos dias pós-modernos”. Em tese, a língua franca não tem donos, ela pertence a todos que a utilizam, é um bem comum a todos que a utilizam.

Outra denominação utilizada por Kanavillil Rajagopalan para designar esse idioma que atravessa fronteiras despertando sentimentos contraditórios e o termo “*World English*” que segundo Rajagopalan (2011, p. 112) é uma língua falado pelo mundo nas recepções de hotéis, nos aeroportos mais movimentados do mundo, nos encontros multinacionais de negócios, nos encontros esportivos, em feiras internacionais de comércio e assim por diante. A *World English* é um neologismo, um fenômeno linguístico que está em constante transformação e que possui como principal objetivo o desejo de comunicar.

Diante desse cenário onde o inglês alcançou um status de “língua internacional por excelência” (MACKAY, *apud* SIQUEIRA, 2011, p. 91) é interessante observar que nas mais diversas situações comunicativas os falantes não nativos não estão se colocando apenas no papel de “gravador”, reproduzindo o idioma aprendido. Segundo Nault (*apud* SIQUEIRA, 2011, p. 90) os falantes não nativos do inglês “estão reinterpretando, reinventando, redefinindo a língua tanto oralmente quanto na forma escrita” refletindo o hibridismo característico da *World English* utilizado pelas diversas comunidades nos dias atuais.

### **3. O inglês no Brasil**

A influência do inglês na língua portuguesa começou com a vinda do Regente D. João VI e a família Real para o Brasil no início do século XIX, fugindo do bloqueio que Napoleão impôs à Inglaterra. Essa vinda da Família Real ao Brasil teve a ajuda da Inglaterra que passou a ter privilégios comerciais. Alguns anos depois, coma urbanização do Brasil iniciou-se a construção de ferrovias em São Paulo e no nordeste do Brasil a cargo de companhias inglesas chamadas São Paulo RailWay e Great Western of Brasil Railway.

Além das ferrovias, os ingleses também foram responsáveis pela iluminação a gás, pelos primeiros barcos à vapor e pelos telégrafos. A implantação de bondes e da iluminação em São Paulo e Rio de Janeiro ficaram a cargo de outra companhia, a Light and Power do Canadá. Nesse período algumas palavras inglesas foram adotadas pelo português sen-

do utilizadas até hoje como, por exemplo, *football* que se aportuguesou e se transformou em futebol.

No século XX, o Brasil começou a se industrializar-se por influência americana e aderiu a economia de mercado globalizado com a implantação de empresas multinacionais que utiliza a língua inglesa como veículo de comunicação.

O século XXI é marcado pela grande quantidade de palavras na área da informática e tecnologia que se incorporaram a língua portuguesa pela falta de um termo equivalente no português e também pelos produtos da indústria cultural como os filmes e seriados exporta palavras, termos, gírias e também a cultura-americana.

Os valores desse mundo globalizado de expressão inglesa estão cada vez mais presentes no dia a dia dos brasileiros. “Assim não é de se estranhar que o inglês seja hoje em dia uma língua prestigiada, que fornece um número sem precedentes de empréstimos”. (ILARI & BASSO, 2012, p. 140)

Os empréstimos vindos do inglês e adotados pelo português é um fenômeno linguístico que espelha a rápida evolução de uma sociedade globalizada que impulsiona as pessoas e as nações a estar conectadas umas com as outras utilizando essa língua internacional ou a *World English*.

#### **4. Empréstimos e estrangeirismos**

Desde quando o ser humano desenvolveu a capacidade de usar a linguagem como instrumento de comunicação, esta não parou mais de se modificar. A mudança em uma língua é um processo constante e natural, que acontece a todo o momento sem que os próprios falantes possam perceber.

Um dos fatores que proporciona mudança linguística em um idioma é o contato com outras línguas que ocorre por meio da proximidade territorial, da colonização de um povo sobre outro ou pelas guerras de conquistas. (CARVALHO, 2009, p. 48)

Ao estabelecer contato com outro idioma, uma língua, principalmente nos eventos de oralidade, acaba se envolvendo em um fenômeno linguístico chamado empréstimo, onde em princípio, nas duas línguas envolvidas ocorrem mudanças lexicais. A esse respeito Carvalho (2009,

p. 45) coloca que

Na relação entre duas línguas, a vizinhança ou coexistência espacial tende a modelar o léxico de uma e de outra por um recorte analógico do mundo objetivo e desta maneira cada língua conserva suas formas fônicas, porém introduz um novo conceito gramatical ou conceitual. Nos contatos esporádicos ou sistemáticos, a interferência, embora em menor grau, está sempre presente.

Descarta-se, assim a noção de língua pura já que qualquer idioma, em qualquer período da história, herdou unidades lexicais de outras línguas. Segundo Silva (2012, p. 316)

Toda língua toma emprestado alguns elementos alógenos seja para nomear realidades típicas de outros países, neste caso toma emprestado o signo e o referente, seja para conferir conotações distintas a unidades já conhecidas em seu léxico.

A unidade lexical emprestada de outras línguas pode ter uma curta duração, sendo utilizada principalmente na fala por um determinado período de tempo em que este vocábulo esteja “na moda”. Outras palavras emprestadas vão sendo utilizadas com tanta frequência que acabam sendo incorporadas no léxico muitas vezes sem que o falante perceba. Muitos gramáticos e linguistas conceituam as unidades vindas de outros idiomas como estrangeirismos. Segundo Alves (2004, p. 77) o estrangeirismo é “o elemento externo ao vernáculo de uma língua” e que não faz parte do conjunto lexical desse idioma. Já o empréstimo ocorre quando esse elemento alógeno passa a fazer parte do léxico de uma língua. Segundo Bechara (2009, p. 599) “estrangeirismo é o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma e que a ele chegam por empréstimo tomados de outra língua” como é o caso da palavra *contracheque* que foi substituída por *hollerite* que vem do inglês *hollerith* sofrendo alterações gráficas para se adaptar ao português.

Para Carvalho (2012, p. 30) “o termo empréstimo designa uma palavra estrangeira adotada pela língua”. Em sentido amplo, Silva (2012, p. 316) coloca que os estrangeirismos são sinônimos de empréstimos e que toda unidade lexical que passa a ser usada é classificada como neologismo. Os neologismos por empréstimos podem seguir caminhos diferentes na língua. Eles podem ter uma existência rápida na língua, pode integrar ao léxico da língua receptora com a forma estrangeira como é o caso de *internet*, pode incorporar com mudanças morfológicas como *deletar*, em que foi acrescentado o sufixo AR na palavra *delect*, algo comum aos verbos que entram no português tomando como paradigma a primeira conjugação, ou ainda integrar com uma nova forma na língua

receptora como xampu. (SILVA, 2012, p. 316)

O léxico é a parte dinâmica da língua, “um inventário aberto” (BIDERMAN *apud* SILVA, 2012, p. 321) por onde entram novos itens estrangeiros que refletem o momento histórico do povo que os usam baseado no desejo de imitar aquilo que está na moda, que faz instrumento de inclusão do indivíduo em uma determinada esfera social nessa sociedade globalizada que exige uma competência intercultural de todos aqueles que querem fazer parte desta sociedade que promove, a todo instante conexões entre indivíduos, entre culturas e estruturas sociais distintas.

### **5. As perspectivas no uso de anglicismos no programa *Manhattan Connection***

*Manhattan Connection* é um programa considerado inovador na televisão brasileira. Transmitido diretamente de Manhattan na cidade de Nova York, pelo canal a cabo Globo News, aborda temas como política, economia, cultura, entretenimento e outros assuntos de destaque na semana de maneira crítica, inteligente e bem-humorada.

Destinado a um público específico, por ser transmitido por um canal a cabo por assinatura e por abordar assuntos que exigem do telespectador um conhecimento amplo dos acontecimentos do mundo contemporâneo, o programa *Manhattan Connection*, liderado pelo jornalista Lucas Mendes que divide a bancada nos Estados Unidos com Caio Blinder e o apresentador Pedro Andrade, realiza conexões com o Brasil através do economista Ricardo Amorim e com a Itália com o jornalista Diogo Mainardi. Nos diálogos descontraídos e inteligentes, os apresentadores enriquecem suas falas utilizando palavras ou termos da língua inglesa que, muitas vezes, na grande maioria das vezes, não são traduzidos.

O presente trabalho pretende analisar alguns anglicismos utilizados nos diálogos do programa *Manhattan Connection* das edições transmitidas nos dias 20/09/2015, 27/09/2015, 18/10/2015 e 25/10/2015 e verificar como são empregados de acordo com a gramática normativa e baseado nos estudos de Alves (2004)

A grande maioria dos empréstimos lexicais recebidos pelo português se constitui de substantivos e raramente de adjetivos e verbos. Geralmente, o vocábulo emprestado mantém a classe gramatical de origem, como podemos observar na fala de Pedro Andrade que ao ser questionado se era a favor ou contra o fim da gorjeta, utiliza o substantivo *barten*

der, garçom de bar, profissão que ele exercia no passado: “...eu como um, um *bartender*, não sou mais um *bartender*, mas durante muito tempo gorjeta pagou todas minhas contas, então eu sou absolutamente contra.”

Em certas ocasiões, o vocábulo que exerce na língua de origem a função de substantivo pode sofrer alteração desempenhando a função de adjetivo. O termo *crowdfunding*, que designa uma arrecadação de fundos para investimento em produtos inovadores ou em campanhas sociais, é empregado ora como substantivo, na primeira oração, ora como locução adjetiva na segunda oração na fala de Taihana D’egmont, diretora da Kikante, empresa recordista no setor no Brasil.

O *crowdfunding*, ele não serve só pra doação pro terceiro setor (...) ele tem muito a ver com as recompensas que a pessoa recebe em troca de contribuir.

A expectativa do mercado de *crowdfunding* esse ano no mundo é de 5 bi.

Além do uso de adjetivos na função de substantivos, observa-se também o emprego de verbos na função de substantivos. Esse processo é conceituado por Ilari e Basso (2012, p. 110) nominalização, “um recurso estilístico importante que pode quase sempre ser usado em alternativa a uma expressão tipicamente verbal ou oracional”. Este processo pode ser observado na fala de Lucas Mendes ao comentar sobre as eleições no Canadá empregando o verbo *upgrade* (melhorar) na função de substantivo: “O Canadá agora tem dois Justins: o popular e o outro poderoso. É um *upgrade* pro Canadá”.

A criatividade lexical de caráter semântico por meio do processo estilístico da metáfora é muito utilizada na linguagem jornalística em que “se verifica uma mudança dos semas referentes a uma unidade léxica” (ALVES, 2004, p. 64). Na visita do Papa Francisco aos Estados Unidos, Lucas Mendes utilizou o termo *big bang* que significa a grande explosão que deu origem ao universo para se referir ao Papa.

“Este Papa é um *big bang*”.

“Quem são os mais hereges? O Papa *big bang* ou a sua congregação republicana”.

No exemplo abaixo, Ricardo Amorim traduz metaforicamente a palavra *whisky*.

“Lucas, cê tá me fazendo lembrar do Vinícius (...) que falava que o melhor amigo do homem é o *whisky* né, o cachorro engarrafado”.

Quando uma palavra se integra ao léxico de uma língua receptora, ocorrem adaptações principalmente ortográficas, como é o caso da palavra *stress* que incorporada ao português transformou-se em estresse e é usada na fala de Lucas Mendes e Diogo Mainardi na forma aportuguesa-da.

Diogo, a editoria de saúde física e mental informa que lavar louça reduz estresse. De fato funcionou pra combater o seu estresse com o Brasil? (Lucas Mendes)

Lucas, eu confirmo, lavar louça a 10 mil quilômetros de distância do Brasil ajuda a reduzir o estresse. Jogar fliperama a 10 mil quilômetros de distância do Brasil ajuda a reduzir o estresse. Cutucar o nariz, qualquer coisa a 10 mil quilômetros de distância do Brasil ajuda a reduzir o estresse.

Outros anglicismos utilizados nos programas não foram aqui citados, porém o uso dos estrangeirismos e empréstimos do inglês no programa reflete o atual momento que a sociedade brasileira vive sentido a necessidade de conhecer e aprender essa língua que se tornou produto cultural no mundo.

## **6. Considerações finais**

O inglês ou o *World English*, utilizado nos mais diversos propósitos comunicativos no mundo reflete a influência americana nos mais diversos países. A língua inglesa, é claro, acompanhou essa invasão americana e instala nas diversas línguas pelo mundo seu vocabulário. Essa influência tão importante das unidades estrangeiras acaba remodelando o léxico da língua receptora, porém sem causar danos ao seu sistema linguístico.

E nesse contexto, o léxico de uma língua vai se renovando e ampliando, criando novas possibilidades de uso tanto na fala quanto na escrita, introduzindo na língua receptora um microssistema linguístico novo e como consequência desse processo, além de aumentar o número de vocábulos, as regras que regem o seu léxico podem ser modificadas de modo a atender as necessidades culturais, científicas e da comunicação de modo geral. Com essa invasão, a língua sofre mudanças, porém ela não fica nem melhor nem pior, apenas mais funcional para um dado contexto sócio-histórico-cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

AMADEU, Marques. *Dicionário inglês-português português-inglês*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles. Mapeamento de estudos nacionais sobre inglês como língua franca: lacunas e avanços. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.). *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. São Paulo: Pontes, 2011.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004, p. 15-30.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Rosa; *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O “World English” – um fenômeno muito mal compreendido. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.). *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. São Paulo: Pontes, 2011.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. O “glamour” das palavras inglesas na língua portuguesa. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Neologia e neologismos no Brasil: século XXI*. Curitiba: Appris, 2012.

SIQUEIRA, Sávio. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.). *Inglês como língua*

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*franca*: ensino-aprendizagem e formação de professores. São Paulo: Pontes, 2011.